



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

A verbo-visualidade da experiência da *Shoah*: Estudo sobre a imagem enquanto potência dialética para o ensino da história do Holocausto na Educação Básica

Mônica Peralli Broti^I

Resumo: O artigo visa a uma reflexão teórica metodológica sobre a relação entre o ensino da história da *Shoah* na Educação Básica e a construção do olhar do discente diante da verbo-visualidade das imagens dos objetos e dos lugares traumáticos produzidos pelo Holocausto. O conceito verbo-visualidade, de linguagem bakhtiniana, consiste na produção de sentido e de efeitos de sentido entre a escrita e a imagem, sendo uma estratégia para a percepção do tema da *Shoah* pela fotografia.

Palavras-chave: Memória; Holocausto; Registro Fotográfico.

The verbal-visibility of the *Shoah* experience: Study about image as a dialectical power for teaching the history of the Holocaust in Basic Education

Abstract: The article aims for a theoretical and methodological reflection on the relationship between the teaching of *Shoah* history in Basic Education and the construction of the student's view on the verbal-visibility of the images of objects and traumatic places produced by the Holocaust. The verb-visibility concept, from Bakhtinian language, consists in the production of meaning and meaning effects between writing and image, which makes it a strategy for the perception of the *Shoah* theme through photography.

Keywords: Memory; Holocaust; Photographic Register.

O VERBO-VISUALIDADE DA EXPERIÊNCIA DA SHOAH
ESTUDO SOBRE A IMAGEM ENQUANTO POTÊNCIA DIALÉTICA PARA O ENSINO
DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

BROTI, M. P.

Introdução

A obra de Georges Didi-Huberman^{II} – filósofo, historiador, crítico de arte, professor e pesquisador da École de Hautes Études em Sciences Sociales, em Paris, desde 1990 – *Cascas*, de 2017, publicada pela Editora 34, primeira tradução brasileira do livro *Écorces*, de 2011, poderia ser lido como a “percepção espontânea do olhar”, entendendo por isto a maneira do ser humano de ver, de apreciar e de compreender as imagens.

Cascas (2017), uma narrativa escrita em primeira pessoa, contém registros fotográficos contextualizados da visita de Didi-Huberman ao campo de concentração de Auschwitz – Birkenau, na Polônia. Em suas páginas, as fotografias atravessadas de potencialidades expressivas e rastros de um passado condensado, conduz a construção do olhar diante da imagem – tema caro às obras do autor – se interliga com os complexos conteúdos da história. Assim, Didi-Huberman coloca o leitor diante do conhecimento produzido pelo poder imagético dos horrores do Holocausto.

Para além de um texto teórico, *Cascas* é uma construção poética do olhar para a história da *Shoah*. Entre as imagens fotográficas elaboradas por Didi-Huberman, o leitor se depara com uma nova forma de perceber, de olhar e de compreender um passado de barbárie. Roland Barthes, em *A Câmara Clara* (2018), afirma que a fotografia é subversiva, de modo discreto constitui-se uma verdadeira crítica social e política eficaz: “No fundo, a Fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é *pensativa*”.^{III} O próprio título do livro, seguido de uma fotografia da casca de árvore Bétula feita pelo autor, coloca-se à disposição do leitor para a elaboração de um conjunto de reflexões sobre os traços significativos da história depositados na imagem.

Bétulas de Birkenau: foram as próprias árvores – “bétulas” é *Birken*; “bosque de bétulas”, *Birkenwald* – que deram nome ao lugar que os dirigentes do campo de Auschwitz julgaram por bem, como é sabido, dedicar especificamente ao extermínio das populações judaicas da Europa. Na palavra *Birkenau*, a terminação *au* designa literalmente a pradaria onde crescem as bétulas, sendo portanto uma palavra para o lugar como tal. Mas seria também – já – uma palavra para a própria *dor*, como quem eu trocava ideias a respeito: a exclamação *au!*, em alemão, corresponde à interjeição mais espontânea do sofrimento, como *aié!* Em francês ou *ai!* Em português. Música profunda e não raro terrível das palavras pesadamente investidas de nossas assombrações. Em polonês, diz-se *Brzezinka*.^{IV}

Os registros fotográficos de Didi-Huberman são expressões de anseios e sentimentos do autor acerca da *Shoah*, por meio deles, permite-se ampliar as possibilidades de considerações sobre o tema. As bétulas plantadas em Birkenau e fotografadas pelo autor resistem na terra polonesa, até cem anos ou mais. As árvores testemunharam os horrores cometidos contra os presos no campo de concentração e as imagens geradas agem sobre o imaginário social inspirando enredos diferentes para a história que protagoniza. Em outra análise do autor sobre imagem, os postes de cimento e arame farpado no caminho da “estrada do campo”, pelos funcionários nazistas de *Lagerstrasse A*, que levava os recém-chegados para as dependências do campo, sejam para os galpões, para os crematórios ou para qualquer outra dependência do local, coloca o leitor frente ao tempo, ao espaço, à memória, à história, à violência e à brutalidade incorporados na imagem.

O VERBO-VISUALIDADE DA EXPERIÊNCIA DA SHOAH
ESTUDO SOBRE A IMAGEM ENQUANTO POTÊNCIA DIALÉTICA PARA O ENSINO
DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

BROTI, M. P.

Basta um ponto de vista arqueológico para varrer as falsas dificuldades de tal alternativa. Sim, é exatamente isto, sim, é isto que ainda resiste ao tempo: é de fato esta estrada, este caminho, são de fato estas duas cercas de postes de cimento e arame farpado. Apesar de agora vazio de todos os atores de sua tragédia, este é claramente o lugar de nossa história. O fogo da história passou. Partiu como a fumaça dos crematórios, soterrando junto com as cinzas dos mortos. Isso significaria que não há nada a imaginar porque não há nada – ou muito pouco a ver? Certamente não. Olhar as coisas de um ponto de vista arqueológico é comparar o que vemos no presente, o que sobreviveu, com o que sabemos ter desaparecido^V.

Nas imagens contextualizadas, que constituem a obra *Cascas* (2017), Didi-Huberman, faculta o diálogo entre a memória dos lugares, o testemunho, o imaginário, a barbárie, a arte, a poesia e o presente, suscita ao leitor conhecer as reformulações acerca da história da Shoah. Essa dialética das imagens constitui também a proposta do presente artigo, que busca, a partir de fotografias dos campos de extermínio e dos objetos que pertenciam aos presos, oportunizar aos alunos do ensino básico um conhecimento de um modo simbólico de caráter problematizador, político, ativo, reflexivo e crítico sobre o ensino da história do Holocausto.

A análise da imagem fotográfica^{VI}, elaborada com base em documentos, testemunhos, visitas a locais de memória, forma um espaço significativo para compor o conhecimento histórico, agir sobre o imaginário e a sensibilidade humana. Uma foto fornece informações de uma situação histórica, cultural e política, de um rito social, das injustiças em todo o mundo e da vastidão das catástrofes naturais e humanas. A construção do olhar acerca de uma imagem é participar da emoção ou da vulnerabilidade do outro. Susan Sontag, em *Sobre Fotografia* (2004), afirma que, por meio de fotos, um evento torna-se mais real do que se o indivíduo jamais tivesse visto as imagens. Ao narrar o impacto emocional provocado ao ver as fotos de Bergen-Belsen e de Dachau, Sontag^{VII}, experienciou a atrocidade dos campos nazistas:

[...] Para mim, foram as fotos de Bergen-Belsen e de Dachau com que topei por acaso numa livraria de Santa Monica em julho de 1945. Nada que tinha visto – em fotos ou na vida real – me ferira de forma tão contundente, tão profunda, tão instantânea. De fato, parece-me plausível dividir minha vida em duas partes, antes de ver aquelas fotos (eu tinha doze anos) e depois, embora isso tenha ocorrido muitos anos antes de eu compreender plenamente do que elas tratavam. Que bem me fez ver essas fotos? Eram apenas fotos – de um evento do qual eu pouco ouvira falar e no qual eu não podia interferir, fotos de um sofrimento que eu mal conseguia imaginar e que eu não podia aliviar de maneira alguma. Quando olhei para essas fotos, algo se partiu. Algum limite foi atingido, e não só o do horror; senti-me irremediavelmente aflita, ferida, mas parte de meus sentimentos começou a se retesar; algo morreu; algo ainda está chorando^{VIII}.

A exposição a imagens do vasto catálogo fotográfico das atrocidades do Holocausto leva a uma experiência dolorosa de olhar fotos e torna mais real o sistema de extermínio nazista. A leitura do *corpus* fotográfico – tema, espaço, representações, recorte, expressão – corresponde a produção de sentido para o espectador, ultrapassando um mero aspecto ilustrativo do tema abordado. Imagens também são emblemas de situações, como a fotografia de Alan Kurdi, menino sírio encontrado morto na praia de Bodrum, Turquia, em 2015, que impressiona, comove, incomoda. A simples menção à foto já remete o leitor a violenta guerra civil na Síria. Uma imagem é um registro de uma determinada situação histórica, o que possibilita e o que torna possível o seu uso como um importante instrumento de análise e interpretação da realidade como tal.

O VERBO-VISUALIDADE DA EXPERIÊNCIA DA SHOAH
ESTUDO SOBRE A IMAGEM ENQUANTO POTÊNCIA DIALÉTICA PARA O ENSINO
DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

BROTI, M. P.

A Shoah, a construção do olhar e a aprendizagem

A compreensão dos eventos históricos, na forma de imagens fotográficas, permite ao indivíduo elaborar outra relação com o mundo exterior. Exige dele, portanto, reflexão sobre a sensação de inquietude exercida pela imagem. O exercício da reflexão é um dos motivos para considerar a fotografia como uma determinada escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis, para o aprendizado da história da Shoah na formação fundamental dos anos finais do ensino básico^{IX}.

A Shoah (שואה), do hebraico “calamidade” ou “catástrofe”, termo que nomeia a perseguição, massacre e assassinato em massa dos judeus na Europa sob o domínio do III Reich alemão, tema rememorado e elaborado no campo do estudo histórico. No contexto escolar, quando o ensino da Shoah tem apenas como eixo condutor os textos didáticos, como: cronologia da ascensão nazista, alguns documentos de época, mapas, sistema burocrático, leis antisemitas e propostas de atividades, perde-se, assim, a dimensão que o Holocausto possui na história contemporânea.

Não é um museu, mesmo que no primeiro momento pareça ser; não é um cemitério, mesmo que apresente requisitos substanciais para sê-lo; não é um local turístico, mesmo que com frequência seja tomado por um turbilhão de visitantes. Ele é tudo isso em uma coisa só [...] não temos em nosso idioma uma categoria com a qual possamos expressar quer tipo de local é Auschwitz^X.

Apesar da heterogeneidade historiográfica acerca do tema da Shoah, os textos didáticos permanecem com um tratamento delimitado e simplificado sobre o assunto. Thomas Mann aponta as dificuldades de transmitir o genocídio dos judeus, “não se pode contar em alguns minutos tudo o que a Alemanha nazista fez aos seres humanos, à humanidade”^{XI}. A afirmação de Mann, reflete toda a complexidade do tema e do ensino do Holocausto na educação. Assim, o uso da imagem no processo de aprendizagem sobre a Shoah, reside na possibilidade do discente compreender melhor a abrangência do tema, as experiências singulares dos judeus, ter uma visão ampla das vidas nos campos de extermínio, é deixar de ser passivo para operar um tratamento produtivo, o aluno reescreve a história, encontra informações que não esperava. A partir das imagens das Bétulas de Birkenau, de Didi-Huberman^{XII}, por exemplo, o aluno compreende, imagina, interage com a árvore “bétula” que deu nome ao campo de concentração, são as mesmas árvores românticas, que aparecem nas histórias de amor, na literatura russa.

O Programa Nacional do Livro (PNLD), do Ministério da Educação (MEC), responsável pelo processo de avaliação e de distribuição de obras didáticas às escolas de educação básica e ensino médio das redes federal, estadual e municipal^{XIII}, contribui para que as informações disponibilizadas no texto didático sejam padronizadas. Apesar da implantação de Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que envolvam a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e ética^{XIV}, não houve nos livros didáticos a ampliação e o aprofundamento das temáticas, para que haja uma compreensão melhor do assunto proposto no contexto escolar.

Para compreender o valor visual da imagem fotografada acerca da dimensão que o estudo do Holocausto possui na história contemporânea, foi selecionado um conjunto de registros fotográficos do Memorial e Museu de *Auschwitz-Birkenau*, no sul da Polônia e na lista de Patrimônios Mundiais da Unesco desde 1979. Nas imagens dos campos, os registros da placa metálica na entrada do campo com a frase em alemão “*Arbeit Macht Frei*” – “o trabalho liberta ou nos torna livre” -, os alojamentos, as guaritas e as cercas,

O VERBO-VISUALIDADE DA EXPERIÊNCIA DA SHOAH
ESTUDO SOBRE A IMAGEM ENQUANTO POTÊNCIA DIALÉTICA PARA O ENSINO
DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

BROTI, M. P.

os objetos confiscados dos prisioneiros, as beliches, desenhos e esculturas. Fotos, da exposição permanente do *Jüdisches Museum Berlin* (Museu Judaico de Berlim), como o registro da obra “*Shalechet*”, do artista israelense Menashe Kadishman, com 10.000 círculos de aço, que representam rostos em desespero e a arquitetura do Museu, em forma de uma Estrela de Davi estilizada, projeto do arquiteto judeu-polonês, Daniel Libeskind.

Contribuíram com a leitura das imagens fotografadas um total de 7 alunos entre 13 e 16 anos, das séries finais – oitavo e nono ano – da educação básica privada e da rede pública estadual^{XV}. A atividade ocorreu no espaço escolar, nas aulas de história e precedeu as imagens, informações sobre a *Shoah*. Os alunos foram expostos às imagens e convidados a imaginar, a interpretar, a reescrever e a construir um novo olhar sobre as lembranças e memórias desse passado que pertence a todos:

Sophia Del Rio, 14 anos, estudante do oitavo ano da educação básica.

Figura 1. Estrela de seis pontas sobre o fundo amarelo



Fonte: Compilação da autora^{XVI}.

“A primeira coisa que me passa pela cabeça quando eu olho para essa imagem é: como alguém consegue fazer o que aquele homem fez, ver todas aquelas pessoas morrendo, ver o sofrimento delas, e achar que tá certo. Precisa ser muito cruel para conseguir fazer isso e não sentir nenhum remorso. A segunda coisa que me passa pela cabeça, é que uma hora você tá ali na sua casa com a sua família feliz e na outra você se encontra num campo de concentração para morrer. Isso deve ser desesperador. E a terceira coisa que eu penso é que essas pessoas poderiam ter tido uma vida tão bonita, ter feito tantas coisas, realizados sonhos, mas não conseguiram. Olhar para essa imagem é cair na realidade e ver que não existe amor e compaixão em todo mundo, as pessoas não vão ter pena de você, só porque você está sofrendo, elas vão fazer o que elas acham que é o certo, não importa se você vai estar bem ou não”.

Ao compartilhar os múltiplos significados da imagem fotografada da Estrela de Davi usada pelos judeus na Europa sob o domínio do III *Reich* alemão, a aluna, ao contrário de reproduzir a informação condensada no livro didático, pode experimentar um sentimento de pertencer a

O VERBO-VISUALIDADE DA EXPERIÊNCIA DA SHOAH
ESTUDO SOBRE A IMAGEM ENQUANTO POTÊNCIA DIALÉTICA PARA O ENSINO
DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

BROTI, M. P.

esta humanidade, de estar próxima à história passada, de avaliar sua própria relação com o próximo. A oportunidade da discente de ter acesso à realidade social de um modo diferente, configura a imagem enquanto potência dialética.

A relação entre experiência individual, imagem e memória histórica, pode ser observada na interpretação de uma outra aluna da mesma série da educação básica:

Flavia Iannotti Souza, 13 anos, estudante do oitavo ano da educação básica.

Figura 2. Escultura para representar a fome dos internos nos campos de concentração



Fonte: Compilação da autora^{XVII}.

“O pavor, a escuridão, o silêncio e a saudade, penetram profundamente em nossa alma, como um terror definitivo, onde as feridas sob a persistência de viver levam-nas a sangrar e o fracasso tremendo, tende a se expandir pelos pensamentos, onde o homem cai sobre o pavimento, batalha perdida, a lágrima não significa o desejo de ser feliz e nada mais.

A liberdade nos corrói, mas o amor nos liberta, até que a última pulsação pretende liberar a sua chance de sonhar em rever as pessoas tão queridas e amadas por você, e ao mesmo tempo imaginando como dirá o inusitado adeus, sem preocupá-los, dirige-se à frente deles abraçando-os e sentindo-os bem forte, até que sua hora chega, deve-se se despedir, e decorrer ao final de seu trajeto. Lacrimando demasiadamente, compreendendo o vazio amargo e obscuro passando em seu corpo.

Os humanos por suas características são idênticos, mas sua convicção é o oposto da realidade, não aceitando ao próximo pelo seu ser, pela sua bondade. Todos somos iguais, erramos, com esforço e dedicação tentamos acertar de uma outra maneira. Não tenhamos a culpa por ser quem somos, e sim dó pelos atos cometidos por pessoas sem caráter. Para as futuras gerações que virão: a vida passa rápido, por isso viva no presente, aprenda com o passado e planeje seu futuro. Seja você, para você, por você e com você.

Almas boas se foram, e tiveram que pagar por ser quem são, sua religião, sua cultura, sua profissão. Até que ponto teremos que nos impor, guerrear pela paz ser concedida, exterminar o ódio, esse sentimento que acabou, acaba e acabará levando as pessoas a se oprimirem, e morrerem, sem luz em seu caminho, como se não fossem nada, sem ter nem um valor para construir um mundo melhor.

O que posso ver além do vazio, falta de esperança e perspectiva de um humano perdido, é o acabar de uma geração que mudaria a complexa sobrevivência entre os indivíduos. O livro

O VERBO-VISUALIDADE DA EXPERIÊNCIA DA SHOAH
ESTUDO SOBRE A IMAGEM ENQUANTO POTÊNCIA DIALÉTICA PARA O ENSINO
DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

BROTI, M. P.

didático não traz o olhar do opressor em relação ao oprimido, o que essas pessoas passaram, seus conflitos internos. A mensagem desta escultura declara: A violência não cala, reforça a oposição do outro, e assim será, o mundo pertencerá aquelas pessoas que farão uma sociedade justa, fraterna.

Honre, chore, lembre, peça, ame e acima de tudo respeite à essas pessoas que morreram no campo de concentração em Auschwitz, por ter dado as suas vidas pela vivência de nossas. Sonhe o mais alto que der, não deixe que ninguém lhe impeça de ser quem é, corra, siga seu coração e não olhe para trás...”

A foto é um convite inesgotável para à dedução, à investigação e à compreensão do seu valor como informação histórica. A relação verbo-visual^{XVIII}, ou seja, a articulação entre a dimensão linguística – oral ou escrita – e a imagem, marca um dos pilares principais da teoria da comunicação verbal de Mikhail Mikhailovitch Bakhtin. A linguagem da fotografia, reforça a construção de sentido, de efeitos de sentido, quer históricos, ideológicos (valores) e emocionais. O indivíduo ao olhar uma imagem fotografada amplia seu entendimento acerca do tema, desperta sentimentos e apropria-se da memória do espaço, do tempo e dos personagens.

[...] As fotos que W.Eugene Smith tirou no fim da década de 1960 na aldeia de pescadores japoneses de Minamata, onde a maioria dos habitantes é aleijada e morre aos poucos, envenenada por mercúrio, nos comovem porque documentam um sofrimento que desperta nossa indignação [...]^{XIX}.

Ao trazer para o presente artigo as reflexões do pensamento filosófico-linguístico de Mikhail Bakhtin, é necessário diferenciar verbo-visual, da verbo-visualidade. O primeiro, traz estudos de Bakhtin, relacionados à arte. Enquanto a verbo-visualidade, refere-se a articulação entre explicar o verbal e o visual juntos, em uma única expressão. Para compreender de que maneira a leitura da imagem fotografada pode ser usada no ensino da *Shoah* para a educação básica, as reflexões bakhtinianas sobre a verbo-visualidade é coerentemente mais aceita para o estudo proposto.

A imagem fotografada e a produção de sentido

A teoria bakhtiniana de linguagem é uma teoria do discurso, em que a língua tem a propriedade de ser dialógica. Essas relações dialógicas não acontecem somente por um diálogo face a face, ao contrário todos os enunciados no processo de comunicação são dialógicos. Assim, o conjunto de elementos (enunciados) que compõe a imagem fotografada – luz, dimensão, legenda, título, personagens, enquadramento, tempo e espaço – estabelece uma relação com o seu interlocutor. A interpretação de uma terceira aluna exposta a outra imagem fotografada no Memorial e Museu de *Auschwitz-Birkenau* pode ajudar a pensar o funcionamento da relação dialógica entre os interlocutores: a discente e a fotografia.

Larissa Santos Palermo, 16 anos, estudante do oitavo ano da educação básica.

O VERBO-VISUALIDADE DA EXPERIÊNCIA DA SHOAH
 ESTUDO SOBRE A IMAGEM ENQUANTO POTÊNCIA DIALÉTICA PARA O ENSINO
 DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

BROTI, M. P.

Figura 3. Alojamento, Guarita e Cerca



Fonte: Compilação da autora^{XX}.

“Ver essa imagem só me faz pensar que as pessoas têm muita dificuldade para entender algo diferente da sua realidade. Hitler não entendeu os judeus, não acreditava na fé dos judeus, achava que era errado e isso foi o suficiente para milhões de pessoas morrerem. Isso é inacreditável! Deixaram suas vidas para trás, foram obrigados a se esconder dos oficiais nazistas, eram obrigados a usar a Estrela de Davi amarela na roupa representando que eram judeus. Os prisioneiros judeus eram espancados, mulheres eram violentadas, crianças proibidas de frequentar as escolas. Judeus foram levados aos campos, todos os seus pertences foram retirados (óculos, roupas, muletas), mulheres tiveram suas cabeças raspadas, famílias foram separadas, passavam fome, faziam serviço escravo, eram torturados, viviam rodeados por uma cerca, e aos judeus só lhes restavam a esperança. Esperança de que sua família poderia sair viva de lá. Tudo isso porque Hitler e seus seguidores eram intolerantes com outras etnias e outras religiões, para ele ser judeu merecia a condenação e a morte. Muito, muito triste!”

No sentido bakhtiniano, a imagem fotografada em diálogo com a discente, promoveu a interação da aluna com a história passada, colocando-a numa posição de tensão e pouco confortável acerca da condição de vida dos prisioneiros. Possibilitou ainda que a aluna encontrasse palavras para argumentar e elaborar conclusões. O aluno, ao dialogar com uma imagem, não é passivo a ela, ele reescreve a história, altera o sentido, deixa de lado a informação padronizada. Mas ele também é transformado: encontra sentimentos que não esperava.

[...] o diálogo no sentido estrito da palavra, é somente uma das formas da interação discursiva, apesar de ser a mais importante. No entanto, o diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como a comunicação direta em voz alta entre pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo. Um livro, ou seja, *um discurso verbal impresso* também é um elemento da comunicação discursiva. Esse discurso é debatido em um diálogo direto e vivo, e, além disso, é orientado para uma percepção ativa: uma análise minuciosa e uma réplica interior, bem como uma reação organizada, também

O VERBO-VISUALIDADE DA EXPERIÊNCIA DA SHOAH
ESTUDO SOBRE A IMAGEM ENQUANTO POTÊNCIA DIALÉTICA PARA O ENSINO
DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

BROTI, M. P.

impressa, sob formas diversas elaboradas em dada esfera da comunicação discursiva (resenhas, trabalhos críticos, textos que exercem influência determinante sobre trabalhos posteriores etc.)^{XXI}.

O dialogismo entre a imagem fotografada e o discente, contribuiu para uma mudança de atitude em relação à leitura da história. É o que mostra as narrativas dos alunos, e cujas experiências individuais com o tema da *Shoah* constituem o cerne desta pesquisa. A relação com o conhecimento, com a dimensão da fotografia e com a cultura escrita, possibilita uma maior autonomia para o aluno para pensar e refletir sobre o mundo exterior. Em outra narrativa, é visível a importância de o aluno evocar espontaneamente as impressões dos acontecimentos históricos, contrário do livro didático com informações condensadas e superficiais e sem diversificar o uso de fontes históricas:

Isabella Alves Fazenda, 15 anos, estudante do nono ano da educação básica.

Figura 4. Objetos pessoais



Fonte: Compilação da autora^{XXII}.

“Ela me deixa uma sensação triste e melancólica. Faz eu pensar em quantas pessoas morreram nos campos de concentração, e ainda pior que foi dessa forma tão grotesca e desumana. Me faz pensar até onde o ser humano pode chegar para alcançar seus objetivos egoístas e egocentristas, tiram a vida de pessoas inocentes que têm família, filhos, amigos... pessoas que não tem nada a ver com tudo isso e são colocadas nessa situação, apenas por serem judias? Pela sua cor, religião ou opção sexual. Essa imagem me traz a sensação de desgosto, cada sapato é uma vítima e cada vítima uma vida.

Me faz pensar em vidas específicas, às vezes nós inconscientemente, quando pensamos sobre o nazismo e esse acontecimento levamos a pensar em pessoas, pessoas em geral e não paramos para refletir que quem morreu daquela forma horrível e passou por todas aquelas torturas foram pessoas assim como nós. Pessoas que tem sua vida, que vão à escola buscar seus filhos, no mercado fazer compras, se apaixonam, trabalham... Penso que pensar dessa forma torna as coisas mais pesadas ainda, pois criamos compaixão e empatia com essas pessoas. Mulheres, crianças, adultos e idosos”.

O VERBO-VISUALIDADE DA EXPERIÊNCIA DA SHOAH
ESTUDO SOBRE A IMAGEM ENQUANTO POTÊNCIA DIALÉTICA PARA O ENSINO
DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

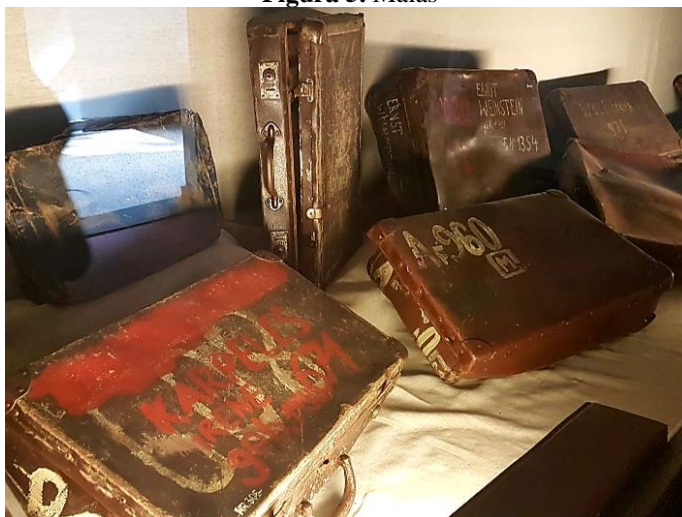
BROTI, M. P.

A leitura da imagem fotografada é uma experiência singular. Ultrapassa as informações condensadas nos livros didáticos e estabelece uma relação próxima com os personagens, com o tempo e com o espaço. Aproxima também, o aluno do reconhecimento tanto da memória quanto da história. A pesquisadora alemã e professora de língua inglesa e literatura comparada na Universidade de Konstanz, Aleida Assmann^{XXIII}, considera que os modos de recordar os acontecimentos históricos, variam ao longo do tempo e são definidos culturalmente^{XXIV}. A experiência do sofrimento vivido, em um lugar traumático como Auschwitz^{XXV}, espaço onde o sofrimento assumiu caráter singular é protegida por portadores materiais como monumentos, memoriais, museus e arquivos, documentos, objetos e fotografias.

Assim, um objeto como espaço de memória traz lembranças e fragmentos da história individual e coletiva. A imagem fotografada de um objeto pessoal que acompanhou o percurso autobiográfico de um prisioneiro em um campo de extermínio, age como um catalisador das experiências, das emoções, das situações de vulnerabilidade e da violação de direitos que comete o interno do campo. Para o aluno, o objeto abre um espaço de encontro com histórias individuais de cada um dos prisioneiros, e em algumas situações o encontro consigo mesmo. As impressões do aluno Khaled, ao ser exposto a imagem fotografada de malas que pertenciam aos judeus deportados ao campo de extermínio de Aushwitz-Birkenau, revelou emoções e recordações da sua trajetória como refugiado sírio, que deixou seu país de origem para garantir sua integridade física e moral.

Khaled Sharef, 16 anos, estudante do nono ano da educação básica.

Figura 5. Malas



Fonte: Compilação da autora^{XXVI}.

“Nunca pensei em deixar a minha cidade Damasco. Deixar para trás a minha escola, meus avós, meus tios, meus amigos, o meu quarto. Lembro quando cheguei em casa, depois de ver meu melhor amigo, olhei as malas na sala e quando perguntei para a minha mãe ela disse que sairíamos da Síria e passaríamos a viver no Brasil. Não esqueço quando vi as malas. Saímos no dia seguinte. Não olhei para trás, pensei para onde eu estava indo. Quando vejo a foto das malas dos judeus, me faz pensar em quantas histórias de vida cada uma delas tem. Quantos sonhos de uma vida elas não carregam. Assim, foram as minhas malas, pensava que sairia da Síria para me proteger, para ter uma outra vida também. É as malas trazem muitas e muitas histórias particulares de cada um de nós: sírios ou judeus. Elas são muito significativas para mim”.

O VERBO-VISUALIDADE DA EXPERIÊNCIA DA SHOAH
ESTUDO SOBRE A IMAGEM ENQUANTO POTÊNCIA DIALÉTICA PARA O ENSINO
DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

BROTI, M. P.

Os objetos são espaços de memória que possuem, além dos traços significativos da vida cotidiana da pessoa, uma estreita relação com a identidade de cada um de nós. Não por acaso, na terrível experiência da Shoah, os prisioneiros eram despojados de seus objetos – documentos, malas, fotografias, trabalhos artísticos e mantas judaicas de oração – e privados de sua identidade. Sem os materiais pessoais, era impossível pensar que existissem realmente um tempo e um espaço que não o mundo de genocídio e horror dos campos de concentração e extermínio.

Considerações Finais

Existe algo na fotografia, como diz Sontag^{XXVII}, que é a apropriação da imagem fotografada, pôr a si mesmo em determinada relação com o mundo. É uma dimensão essencial e que muitos alunos ao experimentarem a leitura dos acontecimentos históricos, por meio da imagem, desperta o espírito crítico, que é um caminho de uma cidadania ativa, porque abre um espaço para o devaneio, no qual outras interpretações são cogitadas, para a construção, para a imaginação e para a criatividade.

Diferente das informações condensadas nas obras didáticas de História – número de vítimas, partidos políticos, propaganda ideológica – o uso da imagem fotografada, no ensino escolar da *Shoah* permite ao discente ter uma leitura autônoma, expressar o que há de mais singular nas histórias individuais e coletivas dos judeus e outros grupos de prisioneiros nos campos de concentração e extermínio e reconhecer a complexidade do Holocausto.

Notas

^I Pós-graduada (lato sensu) em Jornalismo Cultural pela Faculdade Armando Alvares Penteado (FAAP), Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Atualmente é doutoranda no Programa de Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC (UFABC). Endereço de e-mail: brotimonica@gmail.com

^{II} Renomado intelectual contemporâneo, que se debruça sobre a imagem e a sua dimensão política, a história, a arte e a memória. Pertencente a uma linhagem de pensadores disruptivos como o filósofo Walter Benjamin, Didi-Huberman, propõe a história (como disciplina) não é um saber estático, devendo ser compreendida como uma “montagem”, conceito base para entender o seu pensamento. A história é compreendida como uma complexidade do tempo e o uso da imagem é simplesmente, a boa montagem. Fazem parte de sua vasta obra títulos como: *L’image survivante* (Paris: Minuit, 2002), *Essayer voir* (Paris: Minuit, 2014), *Images malgré tout* (Paris: Minuit, 2003), traduzido para o português: *Diante da Imagem* (São Paulo: Editora 34, 2013), *O que vemos, o que nos olha* (São Paulo: Editora 34, 2010).

^{III} (BARTHES, 2018, p. 36).

^{IV} Didi-Huberman, 2017, pp.11-12.

^V Didi-Huberman, 2017, pp. 40-41.

^{VI} A interpretação da imagem impressa na fotografia apresentada no artigo presente é puramente uma abordagem histórica não estabelecendo uma comparação entre a imagem e recursos da técnica fotográfica, como luz, harmonia, composições, simetria ou intersecções.

^{VII} (2004).

^{VIII} SONTAG, 2004, p. 30.

^{IX} A educação básica brasileira, do ensino fundamental é formada pela educação infantil, ensinos fundamentais 1 e 2 e médio. O presente artigo volta-se para a aprendizagem do Holocausto nos anos finais do ensino fundamental 2, formado pelo sexto ao nono ano. A escolha pelo fundamental 2 para essa produção científica é resultado direto

O VERBO-VISUALIDADE DA EXPERIÊNCIA DA SHOAH
ESTUDO SOBRE A IMAGEM ENQUANTO POTÊNCIA DIALÉTICA PARA O ENSINO
DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

BROTI, M. P.

de uma longa e densa reflexão sobre o ensino do Holocausto a partir de resultados de pesquisa da autora, que se debruça sobre imagens entre alunos das séries finais da educação básica.

^X ASSMANN, 2011, *apud* WEBBER, 1992, p. 8.

^{XI} (MONTEIRO, 2017 *apud* MANN, 2009, p. 192).

^{XII} (2017).

^{XIII} No ano de 1985 institui-se o Programa Nacional do Livro (PNLD), pelo Decreto-lei Número 91.542, de 18 de agosto de 1985.

^{XIV} Temas Contemporâneos Transversais: ciência e tecnologia, meio ambiente; economia; saúde; cidadania e civismo; multiculturalismo e ciência e tecnologia.

^{XV} As interpretações, como parte da metodologia etnográfica adotada no processo de pesquisa neste artigo foram transcritas integralmente sem intervenções gramaticais, o direcionamento feito foi apenas a apresentação da imagem fotografada.

^{XVI} Foto tirada do acervo permanente do *Jüdisches Museum Berlin*, em visita no ano de 2017.

^{XVII} Foto tirada da escultura exposta no Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau, em visita no ano de 2017.

^{XVIII} (BRAIT, 2013, p. 43).

^{XIX} SONTAG, 2004, p. 121.

^{XX} Foto tirada no Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau, em visita no ano de 2017.

^{XXI} VOLÓCHINOV, 2018, p. 219.

^{XXII} Foto tirada no Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau, em visita no ano de 2017.

^{XXIII} (2011).

^{XXIV} A mnemotécnica, por exemplo, exaltada na Antiguidade, sobretudo por Cícero, um dos importantes filósofos de Roma, considerava o saber de cor, habilidade em líderes governantes da época. Entretanto, tal uso da memória e da preservação da história cai em descrédito nos dias atuais.

^{XXV} (ASSMANN, 2011, p. 348).

^{XXVI} Foto tirada no Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau, em visita no ano de 2017.

^{XXVII} (2004).

Referências

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformação da memória cultural*. Tradução: Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

BRAIT, Beth. *Olhar e Ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica / Looking and Reading: verbal-visibility from a dialogical perspective*. Bakhtiniana. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 8, 43-66, julho/dezembro, 2013.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. 7 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BRASIL. Decreto-lei Nº 91.542, de 18 de agosto de 1985. Institui o Programa Nacional do Livro Didático, dispõe sobre sua execução e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, 20 ago. 1985.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. Tradução de André Telles. São Paulo: Editora 34, 2017.

MONTEIRO, Gustavo Feital. *Silêncio e ignorância: A presença do Holocausto nos livros didáticos e abordagem do preconceito racial*. Anais do Simpósio XXIX de História Nacional, Universidade de Brasília, 02-16, julho, 2017.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Tradução de Rubens Figueiredo. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

O VERBO-VISUALIDADE DA EXPERIÊNCIA DA SHOAH
ESTUDO SOBRE A IMAGEM ENQUANTO POTÊNCIA DIALÉTICA PARA O ENSINO
DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

BROTI, M. P.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução: Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34.